

Introdução à dialética

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Divino José da Silva

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

THEODOR W. ADORNO

Introdução à dialética



Tradução e apresentação à edição brasileira

Erick Calheiros de Lima



© 2010 Suhrkamp Verlag Berlin
© 2022 Editora Unesp
Título original: *Einführung in die Dialektik*

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da Unesp (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

A241i

Adorno, Theodor W.

Introdução à dialética / Theodor W. Adorno; tradução e
apresentação à edição brasileira por Erick Calheiros de Lima. –
São Paulo: Editora Unesp, 2022.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-57111-134-5

1. Filosofia. 2. Dialética. 3. Theodor W. Adorno. I. Lima,
Erick Calheiros de. II. Título.

2022-1969

CDD 100

CDU I

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

Sumário

Introdução à Coleção . 7

Apresentação à edição brasileira . 11

Introdução à dialética

Resumo das aulas . 49

Nota à edição alemã [2010] . 59

Apontamentos para a 1ª aula [08/05/1958] . 65

2ª aula [13/05/1958] . 73

3ª aula [20/05/1958] . 95

4ª aula [22/05/1958] . 117

5ª aula [03/06/1958] . 139

6ª aula [10/06/1958] . 165

7ª aula [12/06/1958] . 191

8ª Aula [16/06/1958]	. 213
9ª Aula [24/06/1958]	. 235
10ª Aula [26/06/1958]	. 259
11ª Aula [01/07/1958]	. 281
12ª Aula [03/07/1958]	. 309
13ª Aula [08/07/1958]	. 331
14ª Aula [10/07/1958]	. 353
15ª Aula [15/07/1958]	. 375
16ª Aula [17/07/1958]	. 401
17ª Aula [22/07/1958]	. 425
18ª Aula [24/07/1958]	. 447
19ª Aula [29/07/1958]	. 469
20ª Aula [31/07/1958]	. 493

Índice onomástico . 517

Introdução à Coleção

Figura maior no panorama filosófico do século XX, Theodor W. Adorno foi responsável por uma experiência intelectual gerada pela confrontação incessante da filosofia com o “campo da empíria”, em especial a Teoria Social, a Crítica Literária, a Estética Musical e a Psicologia. Nessa desconsideração soberana pelas fronteiras intelectuais, estava em jogo a constituição de um conceito renovado de reflexão filosófica que visava livrá-la da condição de discurso que se restringe à tematização insular de seus próprios textos. Sempre fiel a um programa que traçou para si mesmo já em 1931, quando assumira a cadeira de professor de Filosofia da Universidade de Frankfurt, Adorno construirá uma obra capaz de realizar a constatação de que: “plenitude material e concreção dos problemas é algo que a Filosofia só pode alcançar a partir do estado contemporâneo das ciências particulares. Por sua vez, a Filosofia não poderia elevar-se acima das ciências particulares para tomar delas os resultados como algo pronto e meditar sobre eles a uma distância mais segura. Os problemas filosóficos encontram-se contínua e, em certo sentido, indissolavelmente presentes nas questões

mais determinadas das ciências particulares”.¹ Essa característica interdisciplinar do pensamento adorniano permitiu que seus leitores desenvolvessem pesquisas em campos distintos de saberes, colaborando com isso para a transformação da Teoria Crítica em base maior para a reflexão sobre a contemporaneidade e seus desafios. Uma transformação que influenciou de maneira decisiva a constituição de tradições de pesquisa no Brasil, a partir sobretudo da década de 1960.

No entanto, o conjunto limitado de traduções das obras de Adorno, assim como a inexistência de uma padronização capaz de fornecer aparatos críticos indispensáveis para textos dessa complexidade, fez que várias facetas e momentos do pensamento adorniano ficassem distantes do público leitor brasileiro. Foi o desejo de suprir tal lacuna que nos levou a organizar esta Coleção.

A Coleção editará os trabalhos mais importantes de Theodor Adorno ainda não publicados em português, assim como algumas novas traduções que se mostraram necessárias tendo em vista padrões atuais de edição de textos acadêmicos. Todos os seus volumes serão submetidos aos mesmos critérios editoriais. Registrarão sempre a página original da edição canônica das *Gesammelte Schriften* e dos *Nachlaß*, indicada por duas barras verticais inclinadas (//) no texto. Serão sempre acompanhados por uma Introdução, escrita por especialistas brasileiros ou estrangeiros. Tal Introdução tem por função contextualizar a importância da obra em questão no interior da experiência intelectual adorniana, atualizar os debates dos quais esta fazia

1 T. W. Adorno, *Die Aktualität der Philosophie*. In: *Gesammelte Schriften I*, Frankfurt: Suhrkamp, 1973, p.333-4.

Introdução à dialética

parte, assim como expor os desdobramentos e as influências da referida obra no cenário intelectual do século XX. Ao final, o leitor encontrará sempre um índice onomástico. Em todos os volumes serão inseridas apenas notas de contextualização, evitando-se ao máximo a introdução de notas de comentário e explicação. Trata-se de uma convenção que se impõe devido à recusa em interferir no texto adorniano e em projetar chaves de interpretação.

Há quatro coletâneas exclusivas desta Coleção. Duas seguem a orientação temática das *Gesammelte Schriften: Escritos sobre música* e *Escritos sobre sociologia*. Nesses dois casos, os critérios de escolha dos textos foram: importância no interior da obra adorniana ou ineditismo de abordagem (assuntos relevantes, porém pouco abordados em outros textos).

As duas outras coletâneas, *Indústria cultural* e *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*, justificam-se em virtude de algumas especificidades da recepção brasileira da obra de Theodor Adorno. Sabemos que um dos públicos mais importantes de leitores universitários de Adorno encontra-se em faculdades de Comunicação e pós-graduações de Estudos de Mídia. Por isso, a edição de uma coletânea com alguns textos fundamentais sobre indústria cultural e cultura de massa visa, sobretudo, a alimentar o debate que ali se desenvolve. Isso também vale para outro importante público-leitor de Adorno no Brasil: os pesquisadores de Psicologia Social e Psicanálise.

Se a dialética pode ser pensada como a capacidade de insuflar vida no pensamento coagulado, então uma abordagem dialética do legado de Adorno não pode abrir mão dessa perspectiva crítica, como já sugeria o Prefácio de 1969 à segunda edição da *Dialética do esclarecimento*, obra escrita em parceria com

Theodor W. Adorno

Max Horkheimer: “não nos agarramos a tudo o que está dito no livro. Isso seria incompatível com uma teoria que atribui à verdade um núcleo temporal, em vez de opô-la ao movimento histórico como algo de imutável”. Pensar o atual teor de verdade do pensamento de Adorno significa, portanto, a dupla tarefa de repensá-lo em face dos dilemas do mundo contemporâneo e refletir sobre o quanto esses dilemas podem ser iluminados sob o prisma de suas obras.

Comissão Editorial

Eduardo Socha
Jorge de Almeida
Ricardo Barbosa
Rodrigo Duarte
Vladimir Safatle

Apresentação à edição brasileira

Hegel, Adorno e a Dialética

Erick Lima

Em sua determinidade peculiar, a dialética é, bem antes, a natureza própria e verdadeira das determinações-do-entendimento — das coisas e do finito enquanto tal. A reflexão é sobretudo o ir além da determinidade isolada e um referir dessa última pelo qual ela é posta em relação — conquanto seja preservada em seu valor isolado. Assim, a dialética é, em contrapartida, este ultrapassar imanente, em que a unilateralidade e a limitação das determinações-do-entendimento se expõem como o que propriamente são, a saber: enquanto sua negação. Todo o finito é isto: suspender-se a si mesmo. / O dialético constitui, portanto, a alma motriz do progredir científico e é o único princípio por meio do qual se inserem conexão e necessidade imanentes no conteúdo da ciência, assim como reside nele enquanto tal a verdadeira elevação, não exterior, sobre o finito.” (Hegel, Bd. 8, p. 171-2)

A presente tradução de *Introdução à dialética* disponibiliza ao público lusófono o texto correspondente ao curso lecionado por Adorno sobre o tema no semestre de verão de 1958, na Universidade de Frankfurt. Penso que tanto estudantes quan-

to pesquisadores poderão se beneficiar das discussões propostas por estas aulas, ainda mais porque se trata de um texto que expande o material bibliográfico disponível em língua portuguesa sobre a concepção de dialética em Adorno – tema fundamental para uma compreensão mais proveitosa da sua ampla, múltipla, instigante e sempre atual contribuição ao pensamento contemporâneo, em áreas tão diversas como metafísica, teoria literária, sociologia, psicologia, filosofia prática, filosofia da história, filosofia da música e estética.

No que se segue, gostaria de propor uma introdução geral, de modo nenhum exaustiva, ao texto desta *Introdução à dialética*. Farei isso em três passos. Em primeiro lugar, recordarei rapidamente o contexto biográfico que marca o curso lecionado por Adorno (1). Em seguida, vou percorrer muito rápida e superficialmente alguns marcos da interpretação que Adorno oferece da dialética hegeliana – algo que constitui o pano de fundo para o curso proposto adiante por Adorno (2). Finalmente, procuro antecipar sumariamente o encadeamento temático pretendido por Adorno em suas aulas para *Introdução à dialética* (3). Espero poder contribuir, com esta modesta introdução geral, para a integração dos conteúdos desenvolvidos por Adorno neste curso ao material bibliográfico já disponível em português – e isso, na verdade, sob o ponto de vista mais específico de sua reformulação do paradigma de racionalidade crítica por meio de uma *exposição* da dialética hegeliana. É justamente enquanto integrados a esse panorama mais amplo que os temas aqui tratados por Adorno podem fornecer seu maior subsídio informativo e hermenêutico.

I. O contexto biográfico da *Introdução à dialética*

As aulas que deram origem a esta *Introdução à dialética* foram conduzidas num momento intermediário da fase final da produção teórica de Adorno, interrompida com seu falecimento. Adorno faz parte de um seleto grupo de marcantes pensadores que faleceram em franca produção e, ousou até dizer, em seu momento de maior maturidade intelectual.

Depois de mais de 15 anos relativamente itinerantes, um período predominantemente marcado pelo seu exílio norte-americano, provocado pela ascensão do nacional-socialismo, Adorno retorna de maneira mais ou menos definitiva para a Alemanha em outubro de 1949. Os motivos mais eminentemente profissionais para a decisão de retornar especificamente a Frankfurt estavam ligados ao objetivo de retomar o posto de *Privatdozent*, do qual fora exonerado em 1933. Depois de uma fase ainda marcada por certa inquietação e hesitação, por viagens acadêmicas para o exterior e por cursos na universidade, Adorno teve, ao final de 1953, a consolidação de sua posição profissional como um “professor extraordinário permanente”, tornando-se servidor público e lecionando, já a partir do semestre de inverno, dois cursos por semestre, com aulas à tarde. Muitos dos cursos oferecidos por Adorno nos anos seguintes gravitaram em torno de diversas áreas da filosofia, embora, graças à *expertise* sociológica demonstrada e aprimorada nos anos de exílio norte-americano, assim como na subsequente colaboração com a pesquisa empírica nos Estados Unidos, Adorno tenha assumido também, ao longo da década de 1950 e 1960, recorrentes cursos de sociologia na Universidade de Frankfurt.

A polivalência de Adorno na docência, bem como na produção teórica e na pesquisa, aguçou-se definitivamente quando,

em 1958, o ano das aulas aqui reunidas, devido à aposentadoria precoce de Horkheimer, Adorno assumiu a diretoria do Instituto de Pesquisa Social. Assim, a década de 1950 marca, do ponto de vista biográfico, a consolidação de Adorno como catedrático, atuando e produzindo prodigiosamente em pelo menos duas cátedras, filosofia e sociologia, ao passo que, de um ponto de vista mais amplo, prepara-se a definitiva feição, na década de 1960, de sua atuação pública como intelectual de destaque, recorrentemente ouvido, consultado, presente em programas de rádio, de televisão e em artigos de jornal.¹ A trajetória de Adorno na década de 1950 explica muito a sua própria consolidação como uma espécie de quintessência teórica, de suma intelectual viva, daquilo que de mais pertinente se produziu e se discutiu em filosofia e sociologia desde o período “entre guerras”, na Alemanha e fora dela.

Com isso, fica um tanto mais fácil compreender, num contexto biográfico como esse, que desde o final da década de 1950, já sob o signo da consolidação profissional, Adorno tenha entrado numa espécie de trajetória de autorreflexão e auto-depuração “metodológica”, que encontra seu ápice justamente com o aparecimento de seu *magnum opus*, a *Dialética negativa*, de 1966. A presente *Introdução à dialética* tem de ser compreendida, portanto, sob a ótica desse movimento que converte a noção adorniana de dialética, já consideravelmente discernível na *Dialética do esclarecimento*, no objeto mesmo de sua reflexão filosófica, no alvo mesmo da decantação investigativa. Trata-se de uma trajetória na qual as reflexões contidas nos diversos cursos sobre o tema [por exemplo, em 1958, 1960/61, 1965/66,

1 Ver Klein; Kreuzer; Müller-Doohm, 2011; Müller-Doohm, 2005.

Introdução à dialética

1969], bem como em textos intermediários que lhes são relacionados, têm de ser consideradas como cumprindo algo do papel, por assim dizer, laboratorial, estágios importantíssimos no itinerário pelo qual o autor atingiria, na década de 1960, tanto a consolidação de seu autônomo ponto de vista teórico, baseado numa concepção própria da dialética, quanto a defesa ferrenha e consciente dessa perspectiva – como acontece no famoso *Positivismusstreit*, desencadeado justamente enquanto Adorno fora, depois de eleito em novembro de 1963, diretor da Sociedade Alemã de Sociologia.

No caso específico das aulas de *Introdução à dialética*, proferidas em 1958, estas parecem reverter sobre os cursos a estratégia perseguida por Adorno nos seminários oferecidos em meados dos anos 1950, frequentados por, entre outros, Max Horkheimer, Jürgen Habermas e Hebert Schnädelbach – o qual, a propósito, se recorda das aulas de maneira sugestiva:

os seminários sobre Hegel geralmente lidavam com muito pouco texto no curso de um semestre: nunca mais do que umas poucas páginas da *Doutrina da essência da lógica*. A estratégia era ... começar aceitando a crítica de Hegel a Kant, mas então lançar mão da crítica de Marx a Hegel. Todavia, nessa crítica de Hegel elementos kantianos recorriam. Nós sempre permanecíamos no interior desse triângulo.²

Na *Introdução à dialética* comparecem, como verá o leitor, não apenas a argúcia do ensaísta, não somente a tenacidade do pesquisador e a profundidade do filósofo, mas ainda a precisão e o ritmo do docente.

2 Müller-Doohm, 2005, p.46.

2. Alguns marcos da interpretação de Hegel

A *Introdução à dialética* proposta por Adorno perpassa diversos dos temas que compõem o espectro geral de sua apropriação crítica de Hegel.³ Quando comparamos o conteúdo destas aulas com os demais textos sobre o assunto, fica ainda mais clara a relação íntima que a dialética em Adorno, sua versão do paradigma de racionalidade crítica, possui com a dialética hegeliana, da qual a primeira pretende ser, na verdade, a concretização mais consequente, aquilo que se pode e deve esperar, em termos de modelo de crítica imanente, sob a prevalência do capitalismo avançado.

Em *Aspectos*, originalmente uma conferência de 1956 e que se tornou o texto de abertura da coletânea *Três estudos sobre Hegel*, Adorno sustenta que:⁴

[E]mbora a dialética demonstre a impossibilidade da redução do mundo a um polo subjetivo fixo e persiga metodicamente a negação e a produção recíprocas dos momentos objetivo e subje-

3 Certa vez, Jay Bernstein caracterizou a filosofia de Adorno como sendo a “articulação do que significa ser hegeliano depois de Hegel, depois de Marx, depois de Nietzsche e, acima de tudo, depois de dois séculos de uma história brutal” (Bernstein, 2006, p.20).

4 Esta *Introdução à dialética* possui um paralelismo notável com os textos que passaram a compor os *Três estudos sobre Hegel*. O ensaio “Aspectos” é anterior a estas aulas, tendo aparecido em 1956. O texto “Conteúdo da experiência” foi desenvolvido entre 1958 e 1959. Finalmente, “Skoteinos ou Como ler” é ligeiramente posterior, composto entre 1962 e 1963. Digno de nota é também o fato de que muitas das profundas reflexões sobre a linguagem, presentes sobretudo neste último ensaio, são claramente elaboradas ao longo da *Introdução à dialética*.

Introdução à dialética

tivo, a filosofia de Hegel, enquanto filosofia do Espírito, permaneceu no idealismo. Apenas a doutrina da identidade entre sujeito e objeto inerente ao idealismo – que, segundo sua simples forma, antecipa-se a privilegiar o sujeito – outorga a ele aquela força da totalidade que permite o trabalho do negativo, a fluidificação dos conceitos particulares, a reflexão do imediato e então novamente a superação [*Aufhebung*] da reflexão.⁵

Adorno se deixa guiar nessa discussão por algo próximo à célebre e influente impressão do jovem Marx sobre o alcance da dialética hegeliana,⁶ a fim de sublinhar o fato de que, apesar da dinâmica do *Zusehen*, reivindicada por Hegel na *Fenomenologia*⁷ e em outros lugares,⁸ o renitente idealismo impede a franca concessão de primazia ao objeto. Adorno avança a tese marxiana num sentido em que se aprofunda e diferencia a incursão materialista sobre o significado filosófico do idealismo alemão. Assim, Adorno aceita a crítica de Marx a Hegel, segundo a qual a dialética é mistificada porque a totalidade⁹ articula apenas os momentos

5 Adorno, 2007, p.81-2.

6 “A grandeza da ‘Fenomenologia’ Hegeliana e de seu resultado final – a dialética, a negatividade enquanto princípio movente e gerador – é que Hegel toma, por um lado, a autoprodução do homem como um processo, a objetivação como des-objetivação, como extrusão e suspensão desta extrusão; é que compreende a essência do trabalho e concebe o homem objetivo, verdadeiro, porque homem efetivo, como o resultado de seu próprio trabalho” (Marx, 2004, p.123).

7 Adorno, op. cit., p.77.

8 Por exemplo, no famoso §31 da *Filosofia do direito* (Hegel, 1970, 7, p.83-4).

9 Para uma discussão mais técnica do conceito adorniano de totalidade, ver Buck-Morss, 1977, p.27-62. Acerca de sua defesa no contexto da

espiritualizados do sistema do trabalho social¹⁰ – de modo que, ainda que tenha captado a compreensão conceitual como “trabalho do negativo”, a dialética hegeliana seria, já que ela própria requer a captação da síntese pelo lado do objeto, o reflexo conceitual da divisão entre trabalho intelectual e trabalho material.¹¹

discussão epistemológica em torno das bases metodológicas da teoria social, ver O'Connor, 2013, p.37-44.

10 Adorno, op. cit., p.93. A propósito, Adorno poderia ter vindo a perceber uma congruência ainda maior com a formulação crítica adotada por Marx nos *Grundrisse*. “A totalidade concreta como totalidade de pensamento, como um concreto de pensamento, é de fato um produto do pensar, do conceituar, mas de forma alguma é um produto do conceito que pensa fora e acima da intuição e da representação, e gera a si próprio, sendo antes produto da elaboração da intuição e da representação em conceitos.” (Marx, 2011, p.78-9). Assim, dizer que se trata de um concreto pensado não significa sustentar a assimetria entre conceito e história, com o primado do primeiro sobre a segunda. O método dialético trata a compreensão como amálgama de conceito e intuição, uma combinação que se impõe de tal forma a permitir liberdade ao objeto, à realidade histórica. Caso o método perpetuasse a assimetria, fazendo hipóstase do sujeito autônomo enquanto espírito, desconsideraria os universais como momentos de uma historicidade empiricamente irredutível. Este me parece ser, em termos marxianos, o sentido daquilo que Adorno pretende com a crítica de que há em Hegel uma “metafísica do trabalho” (Adorno, op. cit., p.99). O verdadeiro sujeito permanece pressuposto para a representação, a intuição e os conceitos. A preservação metodológica da assimetria e da superioridade do abstrato sobre o vivo faria com que a dialética deixasse de ser autocrítica de categorias reificadas, transformando-a em apologia da subsunção violenta do trabalho vivo sobre o trabalho abstrato e o capital. Dialética como crítica, poderia dizer Adorno, consiste em desmascarar a ideologia generalizada da equivalência em nome do não idêntico, do trabalho vivo. Sob essa ótica, Marx se comprometeria, assim, em fazer perseverar a negatividade da contradição entre capital e trabalho.

11 Adorno, op. cit., p.97.

Introdução à dialética

Apartado daquilo que não é idêntico a ele próprio, o trabalho se torna ideologia. [...] Essa relação social dita a não verdade em Hegel, o mascaramento do sujeito como sujeito-objeto, a negação do não idêntico pela totalidade, não importa quanto o não idêntico seja reconhecido na reflexão de cada juízo particular.¹²

Todavia, numa leitura aprofundada do idealismo alemão e de sua questão fundamental – a saber, a superação da dicotomia entre eu puro e eu empírico¹³ –, Adorno amplia o alcance dessa crítica numa recomposição materialista da teoria da experiência e da cognição, capaz de acessar o que tem de permanecer indissolúvel em conceitos, enquanto constitui a base material, até mesmo somática e psíquica, da própria experiência. Com efeito, Adorno se relaciona à dialética hegeliana por meio de uma crítica imanente, a qual se conecta seguramente à atitude materialista de Marx frente a ela, mas, de certa maneira, acessa já de um modo diferenciado, ou talvez mais enriquecido, a materialidade da experiência. “Seria necessário apenas um mínimo – a lembrança do momento ao mesmo tempo mediado e irreduzivelmente natural do trabalho – e a dialética hegeliana teria feito jus a seu nome.”¹⁴ Seja como for, a filosofia de Adorno, na medida em que concretiza e materializa em dimensões diversas a dialética, tem de ser compreendida, antes de mais nada, como esforço de ir além do “trabalho inconsciente de si mesmo.”¹⁵ “Apenas a autoconsciência disto tudo poderia con-

12 Ibid., p.99.

13 Ibid., p.90.

14 Ibid., p.100.

15 Ibid.

duzir a dialética hegeliana para além de si mesma, e é precisamente essa autoconsciência que lhe é recusada: isto significa pronunciar o nome que a enfeitiçou.”¹⁶

Adorno busca então, na faceta “anti-idealista”¹⁷ da dialética hegeliana, o impulso para reconsiderar a “consciência da contradição na própria coisa”, pois “tal crítica é a força da teoria, com a qual essa se volta contra si mesma.”¹⁸ Com efeito, em vez de conceber a “não identidade do antagônico” de maneira mistificada, subjetiva e meramente espiritual, Adorno integra na cognição a materialidade, procurando nela a “não identidade do todo.”¹⁹ “A filosofia de Hegel deseja ser negativa em todos os seus momentos particulares; mas se ela se torna negativa contra sua própria intenção, também enquanto totalidade, então ela reconhece nisso a negatividade de seu objeto.”²⁰ Obviamente, a crítica imanente da dialética hegeliana, “a dialética idealista [que] se volta contra o idealismo”²¹ e que constitui o paradigma adorniano de racionalidade crítica, passa pela experiência de afecção da totalidade pelo sistema do trabalho social, mas confere à base desse modelo de teoria crítica ainda maior sensibilidade para aquilo que na experiência cognitiva excede a “dialética da socialização e da individualização,”²² a

16 Ibid., p.103.

17 Ibid., p.107.

18 Ibid.

19 Ibid.

20 Ibid., p.108.

21 Ibid., p.115.

22 Interpreto aqui de modo habermasiano uma discussão feita por Adorno (Adorno, op. cit., p.124; Habermas, 1999, p.199; Habermas, 2012, p.630, 671, 672).